

REDAÇÕES

Éramos três os alunos que competiam pela melhor redação. O que me parecia o mais hábil de todos infelizmente deixou-nos muito cedo. Os outros dois, eu e o Bruno, continuamos até hoje neste “vale de lágrimas” - perdoe-me por este surrado lugar comum - alquebrados pelo Implacável passar dos anos. Não tive, no Curso Ginásial, professores de Língua Portuguesa que me incentivassem a escrever, uma vez que a ênfase toda estava no ensino de gramática, sem dúvida necessária. Foi somente no Curso Científico que, por motivos imperiosos frequentei apenas por um ano, e em que saudoso professor de Português incentivava os alunos a fazer muitos trabalhos escritos, que naqueles tempos era a caneta mesmo - nada de celular ou computador - paralelamente aos indispensáveis conhecimentos gramaticais, bem como no Curso Pré-Normal, em que cheguei a participar de uma Noite de Literatura, discorrendo sobre obra de Machado de Assis - não há de ter sido grande coisa - que foi nascendo em mim o gosto por trabalhos escritos. Com as leituras, então, que começaram por Monteiro Lobato e se estenderam pelos clássicos de língua portuguesa, esse gosto se firmou de vez e hoje é o que mais me apraz fazer.

Toda essa introdução foi para comentar o grande feito da estudante carioca de 18 anos, Maria Clara Cunha, que tirou nota mil na redação do Enem. Não li a composição dela, que não foi publicada, mas sei que fez um rascunho, emendou-o e corrigiu-o antes de transcrevê-lo na folha original. Há de ter sido um texto sem erros gramaticais pois, do contrário, não teria conseguido a nota máxima. E o fundo há de ter sido também original e interessante, o que faz entrever que estamos diante de uma futura escritora.

Eu, que há muitos anos publico uma crônica por semana, sei como é trabalhosa sua elaboração. Em primeiro lugar, preciso pensar no tema, como colocá-lo em contexto que torne a leitura agradável, imaginar a introdução e o fecho, que no meu caso tem quase sempre um toque de humor, mercê de personagens fictícios que inventei. São eles a Severina, que sabe a receita de chás para todos e quaisquer males, bem como conhece um punhado de rezas poderosas, que não se cansa de propagar até mesmo pela internet. E o caçara pescador Raimundo, que tem ideias estrambóticas e está sempre me atazanando com pedidos insólitos. Mas também criei o espiritualista Erasmo, uma espécie de “alter ego” meu, nas crônicas em que o fecho não pode ser humorístico. E estou imaginando um novo personagem, que penso chamar de Leopoldo, com a característica de ser um inveterado agnóstico. Ele deverá alimentar tertúlias verbais interessantes com Erasmo.

Feito o rascunho no computador, preciso escoimá-lo de todos os elementos formais que tornem o texto pesado e de leitura mais difícil. Refiro-me, por exemplo, aos artigos definidos e indefinidos desnecessários à sua compreensão, às ressonâncias indesejáveis, bem como promover a substituição de palavras que não expressem bem o que eu quis dizer, e consertar a pontuação a fim de que o texto apresente características eufônicas agradáveis. Enfim, burilá-lo do ponto de vista formal.

Assim mesmo, quando dou o texto por acabado, se o leio novamente no dia seguinte, sempre encontro algum ponto a consertar, algum vocábulo a substituir ou algum erro de pontuação.

Tenho esperança de que a presente crônica de algum modo chegue ao conhecimento da jovem Maria Clara e de alguma forma possa ser-lhe útil. Não alimento dúvidas de que

ela, quaisquer que sejam as circunstâncias, se tornará uma escritora de sucesso!

Viganó
darly.vigano@gmail.com